

Germinal



N.º 4 — ANO I
31 de Janeiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolu-
ção prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

ENTENDIMENTO NECESSARIO

Passa hoje o 3.º anniversario da chamada greve geral de janeiro.

Vão passados três anos sobre esse facto, que pode ser considerado como o mais notavel acontecimento da vida social do proletariado, em Portugal. Ainda é cedo talvez, para se medir, com toda a exatidão, a influencia que a greve geral de janeiro exerceu na vida associativa operaria e nas lutas que o operariado tem de travar na reivindicação dos seus direitos. Mas pode-se afirmar, sem receio de errar, que essa influencia foi grande, que foi mesmo decisiva nestes três anos que se seguiram á greve, para todos os movimentos de propaganda, organização e luta que se tem tentado. E estamos convencidos de que essa influencia se prolongaria por muito mais tempo ainda, se não tivesse aparecido outro factor bem mais importante, a guerra europeia, a actuar em todas as classes e em todos os países.

Os efeitos da greve de janeiro, reforçados por outros factos que se lhe seguiram, foram, é incontestavel, desastrosos para a organização operaria, que com eles sofreu um rude golpe. Mas parece-nos que não poderia deixar de ser assim, atendendo á fraqueza da organização e sobretudo á orientação que, em muitos, presidia á acção, tudo reforçado por muitas ilusões e muitas confusões, filhas da revolução republicana que se fizera dois anos antes.

Veiu, como era natural, a fadiga, a desilusão, a desencanção, a duvida, produzindo um entorpecimento geral, o qual ninguem sabe por quanto tempo se prolongaria. Mas veiu agora a guerra europeia, que, como é natural tambem, tem pouco a pouco despertado e chamado para os pro-

blemas que ela comporta, a atenção dos militantes, o interesse pelos resultados da tremenda luta.

Discute-se, erra-se e acerta-se no que se diz, ha muita confusão e desacordos mais ou menos profundos nas ideias, mas ha calor, ha vida, isto é, nada está perdido.

A ajudar este despertar, estão os ultimos acontecimentos da politica interna, com repercussão na economia do paiz, dizendo ao operariado que se defenda porque ha perigos que o ameaçam.

Dentro de pouco tempo, de poucos mezes talvez, todas as questões internas e internacionais combinadas, produzirão em cada paiz, profundas modificações, com as quaes pode beneficiar ou prejudicar-se o operariado, conforme a acção que elle fôr capaz de desenvolver. Seja qual fôr o aspeto que em cada paiz a questão tomar, uma coisa é certa: o antagonismo entre os interesses burguezes e os do proletariado, por um lado e as ideias de reacção e de liberdade, por outro.

São estes dois aspetos da questão que se não devem perder de vista, o que é por vezes mais difficil do que parece. Que todos que são pela emancipação social dos oprimidos, se unam para a defesa ou conquista de regalias comuns. Sem que cada um ablique das suas ideias, da sua orientação e do seu objetivo, ha trabalhos a fazer em comum, uteis a todos e para os quais não serão demais todas as forças disponíveis.

Entendamo-nos se não queremos ser vencidos!

Pretende o Germinal viver dos seus proprios recursos e para isso ha de empregar os melhores esforços; mas, enquanto não o consegue, necessario é que os amigos e camaradas não lhe faltem com o seu auxilio moral e material.

Os anarquistas e a guerra europeia

Malatesta, em resposta a um amigo, (*Aurora* de 10 de janeiro) explica-se a proposito do seu desejo de derrota da Alemanha. Diz coisas verdadeiras *em principio*, mas não explica o caso especial de que se trata. Mais uma vez argumenta no espaço e parte de dados por ele estabelecidos mas sem demonstração. E' sempre o mesmo erro fundamental na discussão.

Diz ele: «Para fazer a revolução e sobretudo para proceder de modo que ela se não resuma em explosão de violencia sem resultado, são precisos revolucionarios; e se estes começam a pôr de lado as suas ideias e os interesses bem especiaes que elas representam e se solidarisam com a causa das classes dominantes do seu país,» etc. E em seguida conclue é claro, logicamente, que mau serviço prestam esses revolucionarios á causa da revolução.

Mas ele parte dum principio que não demonstrou: é que se abandonam ideias proprias e se estabelece solidariedade com a causa das classes dominantes. Onde é que estão essas provas de abandono e de solidariedade? No procedimento daqueles que Malatesta combate? Mas isso não pode ser, pois que é isso mesmo que se discute; isso seria confundir o efeito com a causa. Pois se, como eu já disse, são todos a afirmar que a sua atitude não significa acôrdo com as ideias burguezas, as quaes nem agora tem deixado de combater, porque fala Malatesta em abandono de ideias e em solidariedade com a causa do adversario?

De modo que: ou Malatesta atribue aos outros intenções que eles não tem ou (o que creio) estabelece um principio verdadeiro, mas que para o caso de que se trata, só tem o valor de uma hypotese, a qual

para ter valor de applicação, precisava de corresponder ao facto, o que não se dá.

Todo o artigo de Malatesta gira em torna desta hipotese e mais nada. Tudo aquilo estava muito bem, *se tivesse havido* o tal abandono e a tal solidariedade; mas como não houve...

Outro erro comete ainda Malatesta, de que hei-de tratar noutro artigo, mas que deixo já anotado: é o de pôr no mesmo pé, os revolucionarios de todos os países, como que devendo todos proceder da mesma forma, sem se lembrar de que as circunstancia ou as condições não são as mesmas.

*

Na *Bataille Syndicaliste* de 8-12-914, Charles Malato responde ao artigo de Malatesta de que me ocupei no numero antecedente. Os periodos seguintes, que transcrevo do artigo de Malato, contribuem creio, para se ir conhecendo cada vez melhor a questão, *que é o fim principal que tenho vista*. E' necessario que isto se faça para que se não ouça só um sino a tocar. Os italicos são meus.

«Malatesta, que reúne, coisa rara, as qualidades de pensador ás de homem de acção, é um amigo de ha mais de vinte anos. Farei uso, no entanto, do direito de não ser completamente da sua opinião.

Até agora—*quantas vezes não o temos verificado juntos!*— toda a acção revolucionaria intelligente, complexa e de certa envergadura, tem-se paralisado, entre os socialistas, pelo torpor parlamentar, e *entre os anarquistas por um doutrinarismo excessivo*, originando, sob outra etiqueta, uma nova religião.

«O esquecimento dos principios! exclama Malatesta. Cer-

amente que importa ter uma maneira de proceder, que se chame moral ou princípios, em conformidade com as respectivas ideias.

Mas também é conveniente que esta moral corresponda às realidades e que se não reconstituam, sob o nome de «princípios», dogmas imutáveis».

«Malatesta tem incontestavelmente razão quando diz, em substância, que não se deve abandonar o ideal, o programa, nem fundirmo-nos com adversários que o que querem é estrangular-nos pela violência ou pela astúcia. Também tem razão quando diz que certas catástrofes: epidemia, invasão dos bárbaros, (cá a temos!) podem ocasionar uma aproximação dos indivíduos e das classes e acrescenta: com a condição dos privilegiados abandonarem os seus privilégios. Este abandono imediato, integral, ninguém o desejaria mais do que nós, que sabemos que na sociedade actual o proletário não tem que defender senão a esperança dum melhor futuro. Mas a par destes deserdados (que, ai de nós! nem sempre são os mais revolucionários) ha os que estão em parte, maior ou menor, emancipados, que tem, moral ou socialmente alguma coisa a perder com a brutalidade duma invasão ou a instauração dum regimen despotico. E então, porque ha deserdados em Atenas, deve-se deixar Xerxes esmagar a Grécia?»

Supressão de privilégios, para isso lutamos. Infelizmente não ha exemplo de revolução verdadeiramente social, que se tenha realizado em bloco, em cinco minutos!

«Malatesta, no seu artigo, não faz diferença entre a França e a Inglaterra dum lado e a Alemanha e a Austria do outro. Eu creio que isto é não só excessivo, mas que não corresponde ao seu pensamento intimo, pois temos abordado muitas vezes esta questão, nas nossas conversações».

«A França e a Inglaterra, sofram como a Alemanha e a Austria, o jugo capitalista, é incontestável».

Em todo o caso, ha naquelas, garantias civis, maiores ou menores, correntes d'opinião publica, tradições e aspirações, em resumo, essa atmosfera moral necessaria para a conquista de novas liberdades, o que não existe nos dois imperios militares. Quando Malatesta proscrito, teve que procurar asilo no estrangeiro, foi á Inglaterra e não á Alemanha que ele o pediu. Quando ha três anos foi ameaçado de extradição, os seus amigos não julgaram «esquecer os seus princípios» indo pedir o concurso dos burguezes liberaes e, graças á pressão da opinião publica inglesa, o ministerio desistiu, desmentindo assim, o estúpido «clichè» de que «todos os regimens valem o mesmo.» A maior parte das campanhas de

solidariedade, que desde ha desasete anos, se tem feito em França (vítimas de Montjuich, Alcalá del Val, Mano Negra, greves geraes de Barcelona, os dois processos Ferrer) foram também feitas em Inglaterra; nenhuma (o italico é de Malato) o foi na Alemanha ou na Austria».

«Onde eu estou plenamente dacordo com Malatesta. é quando ele exorta os revolucionarios a não se enfeudarem aos seus adversarios sociaes. Perfeitamente!»

E tanto em França como na Italia; defendamo-nos dos «virar de casaca» que envilecem! Mas treguas não querem dizer fusão nem renega do ideal».

Os revolucionarios de 70, combateram as hordas de Guilhaume I, o que não os impediu de proclamarem a Comuna!»

A transcrição foi larga, mas com isso só ganhou o leitor.

E' assim que fala Malato, um dos que mais longe levaram a attitude que Malatesta e outros combatem.

Esta attitude de Malato, como de resto a de Kropotkine, é perfeitamente logica com o seu passado. Mas só agora é que lhes chamam *ex-anarquistas*. Coisas da logica rectilinea e da coherencia sem mancha.

(Continúa). Emilio Costa.

Lorenzo e a guerra

Anselmo Lorenzo, o velho anarquista espanhol recentemente falecido, publicou em 1886, na revista *Acracia*, de Barcelona, um artigo com o titulo *A guerra e civilização*, que mais tarde, em fevereiro de 1904, foi reproduzido na revista *Natura*, da mesma cidade, onde o encontramos. Dêsse artigo pareceu-nos interessante trasladar para aqui, os periodos iniciais e os periodos finais. Leiam-nos e digam se do seu autor se pode escrever, como fez C. Litran em *El Motin*, que «a sna dor subiu de ponto e acaso lhe precipitou a morte ao ver que Kropotkine, o homem a quem tanto admirava, também tomava posição entre os que, embora abominando-a, consideram a guerra como uma triste necessidade para acabar com o imperialismo germanico, absorvente e provocador».

Ei-los:

A historia demonstra que nunca se abandonou um erro e se aceitou uma verdade pacificamente, nem tampouco esta se conservou sem a protecção da força; e se esta afirmação se acha comprovada pelo estudo da vida da humanidade, se todos os povos sem distincção de cultura, religião ou regimen a tem evidenciado, ha de reconhecer-se a sua indiscutivel verdade.

Os filantropos que sonham a paz universal, assim como os utopistas que confiam no exclusivo poder da ideia, vivem, pois, fora da realidade da vida; e o seu trabalho por mais que reconheçamos a sua boa fé, é pernicioso, pois que só produz a prolongação da injustiça se á forte, e o desconhecimento da justiça se é débil.

Se ha uma lei permanente

na historia, é esta: toda a ideia se estabelece pela imposição e não pela persuasão...

... E' evidente que a paz é uma aspiração, um ideal, que se algum dia chega a realizar-se, será unicamente quando a Sociologia haja dito a sua ultima palavra com respeito á teoria da sociedade, e quando a Revolução haja cumprido a sua missão de impô-la á pratica. E uma vez mais, — acaso a ultima, se bem que não nos atrevamos a futurá-lo — a força será servidora do direito, e direito e força serão uma mesma coisa, com duas faces distintas, porque o antagonismo que os separava terá desaparecido na unidade da justiça.

Disse Guizot: — «O direito não é nada, quando não se conta com a força para o fazer prevalecer». Tão tremendas palavras, que parecem inspiradas pelo cinismo de um salteador de estrada, encerram uma solemne lição, e se os socialistas a olvidarem cairão num ridiculo quixotismo.

E' necessario definir o direito; não é menos necessario, porém, cada um armar-se e organizá-lo, se convier. O contrario é calcar o direito, sob a inspiração de miseravel fraqueza. A injustiça cometida pacificamente, extendendo-se por todos os ambitos da terra e prolongando-se através das gerações é um mal infinitamente maior do que um campo semeado de cadaveres e uma cidade em ruínas: a primeira é o mal vivendo sujeito a metodo e sistema e sem fim provavel; o segundo é a tempestade, a cujo fragor treme a natureza e que depois exerce salutar e benéfica influencia. Victor Hugo, lutando como homem de imaginação, com opositos sentimentos, exclamou um dia: — «Des-honremos a guerra!» Mas depois, compreendendo o seu erro, escreveu: — «Não se coloca a paz por sob a fraternidade; a paz é o seu resultado: não se decreta a paz, como não se decreta a Aurora.»

Em resumo: Se o pensamento indicou a via que o progresso tinha de seguir, a guerra limpou o caminho, arrancando interesses e preocupações; e o até agora sucedido irá sucedendo enquanto a sociedade não encontrar bases perfeitadas em que assente.

A guerra é, pois, um auxiliar do pensamento, e condená-la em absoluto é ao mesmo tempo anular o pensamento e renunciar ao progresso.

Anselmo Lorenzo

O exemplo

Palavras de Elie Reclus:

«Podemos fazer ou provocar o bem pela palavra ou pela escrita. Mas nada ha que valha o exemplo pessoal dado pelo mais humilde de nós no mais humilde lugar.»

NOTAS LIGEIRAS

Conta-se que em certos meios anarquistas da vizinha Espanha já foram queimados em effigie, ou pouco menos, anarquistas como Kropotkine, pelas suas opiniões sobre a conflagração europeia. Em Portugal ainda não se chegou a tanto. Mas de cá se vai a lá. Pretendem alguns libertarios que outros libertarios tomem novo rotulo, para bem se diferenciarem d'elles; e, ao mesmo tempo, á espera do dia do supplicio, vão-lhes preparando as carochas em que já levam pintada a palavra «intervencionista». Os inquisidores da fé anarquista!

Muitos anti-militaristas pronunciam-se contra a guerra, por forma que nos deixam na duvida de se manteriam a mesma attitude, caso a França estivesse fóra da baralha ou a Alemanha mais perto da victoria.

Aos anarquistas que sustentam que a guerra actual não é da reacção contra a liberdade, pede-se que expliquem o facto de serem por um dos contendores os reaccionarios e serem pelo outro contendor os liberaes, e elles respondem: — «Isso é o ponto de vista democratico. Mas ha tambem o ponto de vista social-revolucionario». Ah! como esses anarquistas se parecem com o outro que, perguntando-se-lhe o que é uma cadeira, respondia: vai ali a passar um trem!

Tomando á letra o conselho de Blanqui, certos jovens mostram-se resolidos a fazer orelhas moucas ás palavras dos velhos, que lhes contrariam as aspirações. Rapaziadas! Se ha tal que se deixou seduzir pelo paradoxo aliás brilhante, de que em materia de educação anda tudo ás avessas, porque os novos é que devem ensinar os velhos! Pois, meninos, ha aspirações e aspirações. Sonhasse o Blanqui que havia moços que aspiravam a viver na Lua, e elle lhas cantaria!

Paz! Paz! Mas isso não importa a submissão áquela casta guerreira com que se declarou integrada a «kultur»? Isso não importa a capitulação ante o kaiser? Não terá razão Jean Grave quando escreve: — «Emquanto o imperialismo alemão estiver de pé, ele será uma ameaça contra o pensamento humano, o aniquilamento de toda a esperança de libertação. Teria sido uma insentatez entrar a defesa, uma cobardia cruzar os braços. O imperialismo e o militarismo prussiano devem ser esmagados. Não se pode tratar da paz, enquanto elles não foram aniquilados?»

Sob o ponto de vista operario e anarquista... E' com esta invocação de perfume religioso que usam agora falar ou escrever alguns avançados. O ponto de vista anarquista! Qual, se a maior parte dos anarquistas andam ás aranhas e nem os melhores logram entender-se? O ponto de vista operario! Qual? Será o da União dos Operarios Metalurgicos, com 500.000 filiaes, o da União dos Operarios da Construção Civil, com 300.000, o da União dos Operarios de Transportes, com 200.000, todas alemãs, manifestando o seu incondicional apoio ao kaiser, mais á «alta justiça da causa alemã»? E' caso para fazermos votos por que tais avançados, no que hajam de dizer-nos, se confinem no seu proprio ponto de vista.

Revolucionarios anti-guerristas, como a si mesmos se chamam, disputando com os guerristas, como elles dizem, comparam a actual guerra a uma cegada politico-eleitoral. Pois, apesar disso, os tais guerristas não deixam de afirmar que entre os anti-guerristas ha criaturas inteligentes.

Qualquer.